

## Os quatro temperamentos na infância e o seu tratamento

### *The four temperaments in childhood and their treatment*

Caroline von Heydebrand<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Pedagoga antroposófica (1886 – 1938)

Capítulo do livro (esgotado) *Os quatro temperamentos*. 3ª ed. São Paulo: Associação Beneficente Tobias; 1983. Publicado com autorização da editora.

Continuação dos artigos publicados anteriormente:

König K. Os quatro temperamentos. *Arte Méd Ampl.* 2013; 33(1): 5-7.

Glas N. Temperamentos: a face revela a pessoa. *Arte Méd Ampl.* 2013; 33(1): 8-23.

Glas N. Modificações do temperamento na infância. *Arte Méd Ampl.* 2013; 33(2): 78-82.

**Palavras-chave:** Temperamentos; desenvolvimento infantil; vida anímica; psicologia antroposófica.

**Key words:** *Temperaments; child development; soul life; anthroposophic psychology.*

#### RESUMO

A base para um desenvolvimento sadio e adequado da criança está na compreensão de sua maneira de ser e de suas necessidades vitais por parte das pessoas que cuidam dela. Muitos erros fundamentais são cometidos no cuidado e na educação das crianças, por não se ter essa compreensão. A autora ilustra cada um dos quatro temperamentos (sanguíneo, melancólico, colérico e fleumático) com ricos exemplos descritivos, os quais ela acompanhou como pedagoga. São apresentadas as bases físicas de cada temperamento, seus riscos quando se manifesta excessivamente, assim como o 'tratamento' e os cuidados pedagógicos para tais condições excessivas. Tanto na autoeducação como na educação infantil nunca se deve combater o temperamento, mas equilibrá-lo. As qualidades de cada temperamento podem paulatinamente ser estimuladas e florescerem, mediante o equilíbrio das unilateralidades, o que abre perspectivas de desenvolvimento para a vida futura. O homem é um ser infinitamente complexo. O passado e o futuro se encontram em sua existência presente. A corrente do passado manifesta-se em tudo o que, no ser humano, é forma e estrutura, e constitui os dados da sua natureza. A corrente do futuro atua por antecipação em tudo o que está a evoluir, que se transforma e que, por enquanto, ainda existe apenas como um potencial.

#### ABSTRACT

*The bases for a healthy and appropriate development of children is the understanding of their way of being and their vital needs by the people who look after them. Many fundamental errors are committed in the care and education of children, for not having this understanding. The author illustrates each one of the four temperaments (sanguine, melancholic, choleric and phlegmatic) with rich descriptive examples, which she had observed as a pedagogue. The corporal bases of each temperament are presented, their risks when manifested excessively, and their 'treatment' and pedagogical care for such excessive conditions. Either in self-education and in child education one should never fight against the temperament, but balance it. The qualities of each temperament can gradually be encouraged and flourish by the balance of the one-sidedness, which opens perspectives in development of future life. The human being is infinitely complex. The past and the future are in his present existence. The past flow manifests in the human form and structure, in its nature. The future flow acts by anticipation in everything that is in development, in transformation and exists, for now, only as a potential.*

## INTRODUÇÃO

Nenhuma criatura pode desenvolver-se adequadamente enquanto a pessoa que dela cuida não puder compreendê-la em sua maneira de ser, em suas necessidades vitais. Muitos erros fundamentais são cometidos no cuidado e na educação das crianças, por não se conhecê-las direito. Precisamos conhecê-las a fundo se quisermos educá-las para o seu bem. As forças formativas, que agem primariamente formando e criando formas, são ao mesmo tempo fornecedoras de vida e estimuladoras do crescimento. Uma porção de coisas depende do modo como atuam na criança. Por isto os educadores só poderão educar proveitosamente quando conseguirem obter uma noção viva destas forças. Tentaremos fornecer esta noção através da descrição de quatro crianças em cujo organismo as forças formativas agem de maneira diversa, fazendo surgir vidas anímicas diversas.

### A CRIANÇA SANGUÍNEA

O pequeno Carlos, de cinco anos de idade, tem cachos avermelhados caindo sobre a testa arredondada, olhos muito azuis e um delicado nariz arrebitado. O lábio superior projeta-se por cima do lábio inferior. Ele não é muito crescido para sua idade, mas seu corpo é esbelto e proporcionado. A cabeça é um tanto grande, os membros ágeis. Ele gosta de andar nas pontas dos pés. No entanto, quando lhe dá vontade, também sabe pisar forte. É muito habilidoso no saltar, pula vários degraus da escada que dá para o jardim. Não está longe o dia em que saltará diretamente do terraço para o jardim, pulando todos os dez degraus. Quando cai, derrama logo algumas lágrimas, mas se consola em seguida. Pertence ao tipo de criança que é capaz de rir com lágrimas nos olhos. Pula com gritos guerreiros para cima dos irmãos muitos anos mais velhos. Não é covarde, mas irrefletido e atrevido como um cãozinho que late. Se sai perdendo, o que geralmente acontece, fica profundamente ofendido, recolhendo-se rancorosamente para um canto. Logo, porém, o rancor se desvanece e, sem pensar na derrota sofrida, procura fazer o irmão brincar com ele. Pede-lhe que seja seu cavalo, ele o cavaleiro audaz — em pouco tempo enjoa da brincadeira, outra é inventada, começada e logo substituída por algo completamente diferente. Mesmo quando brinca sozinho, muda com frequência e rapidez de brincadeira, passando a novas ideias. O que vê e ouve tira sua atenção daquilo que tem em mente, levando-o imediatamente a novas invenções. Cabeça e olhos movem-se rapidamente de um lado para o outro como num passarinho. Mesmo quando se fala a sério com ele, apesar de toda a boa vontade com que quer ouvir, logo se distrai. Basta uma mosca andando pela parede e sua alma alada já escapou das mãos dos adultos. A mãe o chama 'pardal', a avó 'lagartixa' — e os dois apelidos lhe servem. Possui uma voz clara e alta e é muito musical. Aprendeu sozinho a tocar flauta. Desde já, treme na alegre expectativa da escola, da qual se prometem variedades incontáveis. Embora os adultos

tenham para ele muitas palavras de censura um tanto ou quanto incompreensíveis (descuidado, distraído, volúvel, sem seriedade, nervoso etc.), ele é querido por todos. Isto porque ele é "a própria criança", verdadeiramente apenas criança e isto lhe conquista todos os corações, mesmo aqueles que usam as palavras acima citadas para qualificá-lo.

E quanto à sua saúde, seu sono, seu apetite? No seu todo é sadio; além das doenças infantis tem apenas pequenos resfriados que somem rapidamente. Tem bom apetite, mas não gosta de muita coisa de uma vez nem de coisas pesadas. Também nisto é um passarinho, prefere 'beliscar' em vez de se empanturrar. Sua gula pode ser momentaneamente grande, mas acaba depressa quando recebe o alimento cobichado. Não come demais por vontade própria, somente adultos sem juízo são culpados de suas dores de estômago quando o fazem comer mais do que quer em festinhas infantis. Não gosta de carne, ovos, massas e batatas, nem mesmo chocolate. Gosta muito de frutas e desde bebê uma maçã ralada é para ele o maior dos prazeres. Tem também certa preferência por alimentos salgados e até mesmo azedos. Para o seu quinto aniversário pediu um pepino em conserva. Às vezes assalta o saleiro e satisfaz-se em lambar grãos de sal, também engole prazerosamente uma colherzinha de suco de limão puro, quando dado como remédio para dor de garganta. Adormece rapidamente, mas também acorda com facilidade. Pela manhã costuma acordar muito cedo e como não lhe permitem levantar-se, gorjeia e canta baixinho para si próprio, movimentando ao mesmo tempo ritmadamente a cabeça, as mãos e as pernas. É uma pequena criatura humana harmoniosa, e o que acontecerá devido à sua falta de atenção e volubilidade quando for à escola preocupa, até agora, apenas o pai.

### AS BASES FÍSICAS DO TEMPERAMENTO SANGUÍNEO

De que maneira atuam as forças formadoras na criança sanguínea? Elas atuam em tudo aquilo que é de natureza rítmica, na respiração e na circulação! Elas atuam nas pulsações do coração, no subir e descer rítmico da inspiração e da expiração. Por isto a criança sanguínea tem algo de alado; parece que ela está mais à vontade no ar do que na terra, por sobre a qual apenas paira e não se deixa puxar para baixo pelas forças da gravidade. Gosta de se balançar no cavalo de balanço, sobe em árvores altas e se balança em galhos oscilantes. É encantador ver uma criança sanguínea dançar com o vento. O adulto ficaria tonto se quisesse girar e balançar como a criança, cujo maior entusiasmo é voar através dos ares no carrossel em movimento. Seu organismo aéreo, sua natureza rítmica ainda acompanham facilmente todos os balanços que a natureza rígida do adulto não mais suporta. As crianças pequenas raramente ficam tontas ou enjoam.

E assim como se alternam o inspirar e o expirar, como o ritmo alternado também domina sua circulação sanguínea, assim também ela necessita da alternância rítmica na vida

e no brinquedo. Nada é mais importante na educação que o ritmo calmo da vida quotidiana; para a criança sanguínea (e a criança sanguínea é a criança típica; esse temperamento está para a criança assim como a doçura está para a uva) isto é uma absoluta necessidade vital. O ritmo é sua natureza, é exigido pelo seu próprio organismo. Só que esse ritmo é rápido; assim como a criança respira mais depressa, seu pulso é mais rápido que o do adulto. Ela não pode concentrar facilmente sua atenção por muito tempo em uma coisa; concentrar-se significa, neste caso, inspirar, e a isto deve seguir-se rapidamente o expirar, isto é, o desviar-se de si mesma em direção ao ambiente. Ser 'volúvel' não é ainda defeito, mas particularmente deste temperamento e desta idade. Por isso os educadores têm razão quando demonstram muita paciência com as particularidades infantis, as quais eles sentem de maneira tal que as caracterizam com os nomes anteriormente citados: volúveis, sem concentração, superficiais, levianos. As crianças sanguíneas, no entanto, podem ser levianas.

### A CRIANÇA PERIGOSAMENTE SANGUÍNEA

Enquanto que com o Carlos pode-se ter paciência com sua natureza irrequieta — ele segue apenas o bater apressado do seu coração — e confiar em que ele se firmará mais tarde, a vivacidade de sua prima da mesma idade já traz preocupações. Enquanto Carlos ri efusivamente rolando no chão de tanto rir, Anita não consegue de modo algum parar de rir. Ela ri e gargalha descontroladamente para depois chorar de modo igualmente descontrolado. Ela arranca brinquedos do armário jogando-os pelo quarto, mas não brinca com eles, tira logo o próximo, o qual também irá ocupá-la no máximo um instante. Carlos vibra quando o pai lhe mostra figuras de animais no 'velho Brehm',\* faz perguntas e se mostra vivamente interessado. Depois, em trêmula expectativa, vira a folha seguinte, para cumprimentar com gritos de júbilo o novo animal. Anita mal olha as figuras, ela só quer seguir em frente, sempre em frente, nada pode despertar seu interesse de modo tão profundo a ponto de fazê-la perguntar. Quando pergunta, não espera pela resposta. Carlos não é excessivamente carinhoso, mas ama e respeita seus pais e se sente ligado aos irmãos. Anita não lançou âncora em lugar algum. Vai e volta pela superfície da vida sendo demasiado fraca para se ligar às pessoas de suas relações. Poder-se-ia temer que um dia venha a se tornar anormal, porque consegue penetrar muito pouco além da superfície das coisas, por isso não consegue reunir atenção suficiente para coisa alguma. Como podemos protegê-la disto? Como ajudá-la?

### O TRATAMENTO PARA A SANGUINIDADE EXCESSIVA

Caso aconteça que Anita ame verdadeiramente uma pessoa de suas relações — e essa possibilidade dependerá muito do comportamento dos adultos — aí então, por meio disto, já en-

traria constância em sua vida. Nada é mais importante para a educação do que a criança poder amar seu educador. É certo que, por sua maneira sanguínea de ser, ela terá ora este ora aquele amigo, ligando-se ora a este ora a aquele adulto, mas pelo menos a uma das pessoas encarregadas de sua educação ela deverá estar ligada por lealdade, perdendo neste ponto sua sanguinidade. Daí em diante, então, pode-se seguir em frente na educação. Tanto na autoeducação como na educação infantil nunca se deve combater o temperamento. Não se pode querer arrancá-lo com cabelo e pele, pois ele está demasiado soldado ao seu possuidor. No entanto, representa a ligação entre corpo e alma, porque está condicionado em suas manifestações pelo corpo, embora sua natureza seja anímica.

Agindo deste modo, não se poderá e nem se conseguirá forçar a criança sanguínea a deixar sua leviandade organicamente condicionada. Novamente, dependerá muito do adulto a possibilidade da criança hipersanguínea se ocupar com uma brincadeira, um livro de figuras, ou qualquer atividade, primeiro por tempo curto e depois por períodos progressivamente mais longos. Isto dará tanto mais certo quanto mais ela amar o educador. Mas não se-lhe deve tirar com isto seu amor pela variedade. Existe muita coisa na vida da criança perante a qual a sanguinidade é apropriada, perante a qual ela não precisa se fixar. O educador sempre deve fornecer-lhe possibilidades para tais impressões passageiras, a fim de que perante elas lhe seja possível, de certo modo, 'gastar' o excesso de sanguinidade. Também será bom, no caso de se pretender que a criança se ocupe com uma atividade de duração mais longa, arranjar-lhe variedade e distração dentro dessa atividade, mesmo que seja apenas para suas ideias. Quanto mais sua fantasia for estimulada em quadros sempre variados, tanto mais ela quererá permanecer numa coisa; principalmente quando puder, com isso, dar uma alegria ao adulto "por ela querido e respeitado".

### A CRIANÇA MELANCÓLICA

Para o oitavo aniversário de Ivone, a mãe convidou seus companheiros de brinquedos da mesma idade. Ivone, porém, desapareceu. Retirou-se para debaixo da toalha que cobre quase até o chão a mesa redonda da sala e lá permanece. Dos companheiros de brinquedos ela nem quer saber. Arrancada de debaixo da mesa, ela foge para um canto, chora muito tempo silenciosamente para si própria, fitando com rosto sombrio, mas com olhar cheio de ansiedade, a brincadeira das outras crianças. Finalmente, quando se decide a brincar também, fica feliz, olha para todas as crianças uma após outra com olhos brilhantes pedindo simpatia e fica profundamente triste quando elas se vão. Principalmente uma das meninas ela beija afetuosamente, declara-a interiormente sua 'amiga' e lhe atribui em silêncio as mais belas qualidades, principalmente aquelas que lhe faltam.

\*N.T.: Alfred Edmund Brehm (1829 – 1884), autor de *Brehms Tierleben* (A vida animal), livro de zoologia bastante popular nos países de língua alemã.

Ivone gosta de procurar recantos escuros e silenciosos para meditar: podemos encontrá-la debaixo do sofá, entre o armário e a porta, até mesmo dentro do armário. Ela gosta de subir ao sótão, acororando-se lá em um canto, sobre uma viga do telhado. No jardim, esconde-se entre as plantas, debaixo dos galhos mais baixos dos pinheiros. Ela também sobe nas árvores e senta-se quieta num galho, lá onde a folhagem é mais espessa e ninguém pode descobri-la. Ela não é covarde, embora tenha medo de gente. Seus empreendimentos têm algo de aventureiro e brotam de um rico mundo imaginativo, embora um tanto estranho. Ela pensa muito. Em seus pensamentos ela mesma representa um papel importante. Ora é uma princesa, ora uma pobre órfã abandonada, ora uma heroína, ora uma pessoa injustamente perseguida. Relaciona consigo mesma o que lhe é contado e não pode ouvir falar na Gata Borralheira sem se ligar de tal modo com personagem e situação que julga passar, ela mesma, por suas aventuras. Por isso, às vezes é totalmente incompreensível para os adultos, porque sempre representa papéis que eles não adivinham, nunca representando perante si própria a simples criancinha que ela é na realidade. Seus olhos grandes, ligeiramente úmidos e brilhantes, olham ora sombrios, ora excessivamente alegres, sem que as causas, que só ela conhece, sejam visíveis. Seus cabelos finos e lisos sobre a testa alta e pálida, transformam-se na sua imaginação em flutuantes cachos dourados, e então ela carrega sua cabecinha, que normalmente é um pouco inclinada, e as costas finas, as quais são normalmente um pouco curvas, retas e com orgulho. Infelizmente por pouco tempo.

Como ela é apenas uma menininha, quando não está representando algum papel, sente-se geralmente triste e mal humorada (os adultos dizem 'esquisita'), como se não lhe fosse possível conformar-se com essa realidade. É sensível, ficando facilmente ofendida em sua dignidade humana, a qual ela sente profundamente. Sente-se sempre observada na presença dos outros, perde com facilidade o desembaraço e, pelo fato de 'fazer pose' discretamente, intimamente envergonha-se ao mesmo tempo de si própria. É demasiado consciente para sua idade, parecendo às vezes um pequeno adulto. Faz perguntas ponderadas: "Por que não podemos ver Deus? O que vem depois de onde o mundo acaba? Que extensão de tempo tem a eternidade?" Recebe com frieza a morte de um parente e se nega a entender a dor dos adultos. "Mas ele está no céu! Então a gente deveria se alegrar". É muito religiosa, mas também com uma pequena nota peculiar, quase um pouco 'medieval'. Mesmo fazendo questão absoluta, embora sem desejo expresso, de receber sua parte e conservá-la, pode, por uma espécie de ascese infantil, dar de presente sua maçã, suas guloseimas, principalmente quando se envergonha e se arrepende de alguma travessura. Aí então poderá dar de presente seus tesouros mais queridos, os quais porém chora por muito tempo em silêncio e com amargura.

Ocupa-se muito com seus 'pecados', categoria à qual ela suas travessuras infantis e conta em confiança a uma tia, por ela amada apaixonadamente, que gostaria de morrer, "porque agora ainda sou pequena e ainda não cometi muitos pecados, agora talvez eu ainda vá para o céu, mas se eu ficar mais velha então terei cometido muitos pecados e não irei mais para o céu". É exageradamente sincera quando quer bem a alguém, caso contrário é fechada como uma 'ostra', segundo diz sua mãe, suspirando. Porque ela não conquistou a afeição confiante de Ivone, e nenhum poder do mundo poderia fazer com que a criança abrisse o coração para sua mãe. Assim são as coisas na superfície. Mas certa vez – quando ela era mais nova – ao ver a mãe profundamente adormecida, imaginou logo que a mãe tivesse morrido e assustou-se terrivelmente, de tal modo que nunca mais esqueceu aquele horrível momento que lhe revelou sua verdadeira relação com a mãe. Ela tampouco esquece que a mãe uma vez lhe bateu, e que esse castigo foi injusto. Ela sentiu profundamente, pois não tinha feito aquilo de que a mãe a acusava. Ainda mais profundamente, no entanto, ela sentiu o contato físico do castigo, sentindo-se ferida em seu orgulho como um espanhol da Idade Média. Por muitos anos não conseguiu superar o sentimento de vergonha. Quando lhe chegamos muito perto, ela nunca mais o esquece, aumentando e agravando a ofensa em sua imaginação, até torná-la quase insuportável, sobrecarregando a menina além do que sua idade pode assimilar. Ela seria capaz, como aquele menino russo, de anotar em papéis todas as ofensas de que se julga vítima e guardá-los por muito tempo num esconderijo, para um dia, por exaltado amor ao próximo e profundo arrependimento, destruí-los de uma só vez.

O que não combina absolutamente com sua natureza precoce, e a faz alvo de caçadas e advertências sem fim, é o fato de que com oito anos ela ainda chupe o dedo, mastigue o cabelo, chupe as pontas do avental, roa as unhas, morda o lápis ou a caneta. Nós a encontramos encolhida debaixo do sofá, com o polegar na boca, como se quisesse desligar-se totalmente do mundo. Assim terminam muitas vezes suas brincadeiras. Prefere brincar sozinha e muito concentrada, é comovente como mãe de bonecas. Parecendo dominada pela abundância de suas ideias – aliás, um tanto abstratas – e também um pouco cansada, procura descanso do modo anteriormente descrito. Seu maior prazer consiste em se acocorar no tapete, se possível escondida entre as dobras de uma cortina, 'chupar' uma guloseima, fazer tocar seu relógio de brinquedo, enquanto lê contos de fadas ou estórias de fundo moral. Gosta das estórias longas e tristes. Despreza as fábulas alegres e estórias burlescas. Aliás, só aparentemente, pois no fundo ninguém gosta tanto de rir quanto ela, e fica agradecida a todo aquele que a faz rir com piadas e observações humorísticas. Ela sente o riso livre e ingênuo como rendição. Pequena como é, já sabe disto, pois sua capacidade de observação em relação a si mesma é quase inquietante.

No entanto, afasta bruscamente de si qualquer tentativa de divertir-se. É preciso enganá-la quando queremos alegrá-la. No fundo não lhe desagrada ser triste.

## AS BASES FÍSICAS DO TEMPERAMENTO MELANCÓLICO

Ivone de modo geral não tem muito bom apetite, é difícil de contentar. Pede guloseimas e alimentos doces e é inegável que lambisca – para sua profunda vergonha. Suas honestas tentativas de dominar esse ‘pecado’ foram até hoje inúteis. Sua aversão por alimentos de origem animal que ainda conservam a forma do ser vivo é muito acentuada: coelhos, frangos, peixes etc. Não é possível fazê-la comer o menor pedaço sequer deles. Porém, onde a procedência do alimento não mais é visível, aí de vez em quando até come carne com prazer (sem querermos nos tornar sentimentais, devemos procurar evitar apresentar às crianças os animais em sua forma inteira, sendo preferível dar-lhes a carne já cortada em pedaços; mesmo para crianças menos sensíveis não é agradável ver seus amigos postos na mesa desta forma; as crianças gostam dos animais e têm amizade por eles). Também Ivone ama apaixonadamente os animais e conta ao seu coelhinho, acorçada no curral, o que afeta seu coração abarrotado e que nem sempre é aceito com compreensão pelos adultos.

Ivone sofre constantemente de intestino preso. Por sorte ela gosta de comer frutas, quando maduras e doces. Embora seja magra e tenha um rostinho pontudo, tem-se a impressão de que o corpo é pesado demais e que ela tem dificuldade em carregá-lo. Ela caminha arrastando os pés, anda curvada com a cabeça baixa e é preciso que se lhe diga sempre “levante os pés”, “endireite as costas”. Ela se cansa facilmente e sofre de fortes dores de cabeça. No entanto, sua vida imaginativa lhe permite frequentemente, quando ativa, superar a fraqueza do seu corpo; mas, de modo geral, sua capacidade é fraca na execução. As forças de gravidade da terra parecem querer puxá-la para baixo, seus olhos, mesmo quando passeando, procuram a terra e raramente ela ergue o olhar.

Ela adormece tarde, já que na cama sua necessidade de meditar e imaginar ‘estórias’ é acentuadamente forte. Pela manhã ela está terrivelmente cansada, mal se consegue fazê-la levantar, e permanece por muito tempo chorosa, mal humorada e melindrosa. Assusta-se com água fria e gosta do calor acima de tudo. Quando está doente – ela tem distúrbios estomacais com frequência – ela sofre muito, mas durante a convalescença, a qual ela faz o possível para espichar, tem prazer em estar doente, gosta de se deixar tratar e mimar e aproveita ao máximo a atenção dos adultos e o calor anímico que eles manifestam para com a criança doente.

Seus olhos não são muito fortes, têm tendência para a miopia e, como lê demais na cama e no crepúsculo, logo precisará usar óculos. Seu ouvido é bem formado, sendo declaradamente musical. Toca piano e violino e gosta também de cantar. Apenas tem então a tendência para ‘uivar’, como

o irmão mais velho insensivelmente denomina seu arrastar lânguido e sentimental. É anímica e fisicamente uma criança delicada, requerendo muito cuidado e compreensão amorosa.

## CUIDADOS COM A CRIANÇA MELANCÓLICA

Cuidado e compreensão amorosa são tão necessários à criança melancólica como o pão de cada dia. Mas não de modo a fazer com que ela o perceba demais. Ela é uma pequena egoísta e quer sentir-se no centro. Mesmo assim deve sentir sempre o calor necessário para que não acumule dentro de si excesso de inibições, endurecendo-se nelas. Ela precisa de uma pessoa com a qual possa se abrir com plena confiança e nem é exigente nisso. Uma palavra amiga e compreensiva – e seu coração e confiança estão ganhos. A isso se junta um humor quieto e altruísta para suas extravagâncias e esquisitices, fazendo-a sorrir.

A criança melancólica requer muito alimento anímico e espiritual. Quem lhe conta estórias ou ensina, deve escolher muitos contos de fadas, estórias e biografias que a estimulem a esquecer da própria melancolia e tomar parte no destino trágico de outras pessoas. Para isto a encontrará disposta no mais alto grau. Além disso, os adultos de sua intimidade não devem ter receio de fazer com que a criança melancólica participe de suas próprias preocupações e sofrimentos, passados e presentes, até onde forem compreensíveis para sua inteligência infantil e se não a sobrecarregarem demais. Atuaremos de maneira diretamente curativa, diminuindo e harmonizando a melancolia infantil, se contarmos à criança o que nós mesmos sofremos e o que pessoas que ela conhece precisam sofrer. Isso terá um efeito mais benéfico do que se tentarmos diverti-la e arrancá-la à força de sua melancolia.

A criança melancólica terá prazer em fazer pequenos serviços, se sentir que por meio disto alivia sofrimento. Não será má enfermeira e devemos – naturalmente na medida de suas forças infantis – trazê-la para tais tarefas, mesmo que no começo ela se comporte desajeitadamente, devido à sua timidez e porque se observa a si própria e se sabe observada pelos outros. Conseguindo vencer isso, cuidará da mãe ou dos irmãos doentes com silenciosa alegria e ternura interiores.

Devemos manter a criança melancólica aquecida (naturalmente sem exagerar) e nunca lavá-la ou jogar-lhe água muito fria por cima. Deve ir para a cama à noite com sensações e pensamentos cordiais e harmoniosos e ser despertada de manhã com grande amabilidade. Alimentos pesados não lhe serão dados – assim como a nenhuma criança. Frutos doces, amadurecidos ao sol, saladas e verduras leves lhe fazem bem. Porém de vez em quando um pouco de carne branca não lhe fará mal algum e é geralmente bem recebido por ela. Precisa de uma dieta mista e alimentos estimulantes. Embora seja grande amiga de guloseimas e necessite de comidas bem adoçadas, gostará de comer um biscoito salgado, ou um pepino em conserva, ou uma salada com tempero ácido. Cuidaremos discretamente e com diplomacia do seu

funcionamento intestinal e a ajudaremos numa movimentação saudável do corpo, a qual deverá ser procurada menos no gênero esportivo que no gênero rítmico-musical. A euritmia (a arte do movimento da euritmia, elaborada por Rudolf Steiner, é um importante elemento pedagógico e terapêutico do sistema de educar aqui apresentado – vide as duas séries de conferências de Rudolf Steiner “A euritmia como língua visível” e “A euritmia como canto visível”), na qual a criança melancólica pode combinar sua vida anímica com o movimento de seus membros, trará principalmente para ela maravilhoso alívio e cura, tão logo vença a inibição proveniente de precisar revelar sua natureza perante outras pessoas, observando-se assim a si própria.

### A CRIANÇA COLÉRICA

Tânia está fora de si de raiva. Com os dois punhos ela bate no menino (ela tem dez anos, ele uns doze). Seus cabelos desgrenhados se levantam como as penas hirsutas de uma ave de rapina, as proeminências em sua fronte bem redonda parecem se transformar em chifres. O menino grande, seu inimigo, procura resistir aos golpes e mordidas, mas depois se retira, embaraçado, sob os risos dos camaradas que apreciam a luta na qual a menina pequena parece levar a melhor. Tânia pega do chão seu irmãozinho, causa inocente da luta, onde o menino grande o jogou e arrasta-o atrás de si. Ela não chora, mas soluça em convulsões que não consegue dominar e faz movimentos violentos para enxugar as lágrimas que correm contra sua vontade. Ao fazê-lo, ela caminha batendo os pés, mais forte ainda do que costuma, calcando-os energicamente com os calcanhares. É como se quisesse abrir o solo e nele haurir forças para enfrentar a maldade do mundo que acaba de atingir o irmãozinho. Uma mão ainda está cerrada em punho, a outra segura firmemente o pulso do pequeno. Agora já não chora mais, mas os seus olhos brilham sob os ossos duros da fronte, e seu pescoço está encolhido entre os ombros como se ela quisesse contrair e endurecer todo o seu ser. Seus irmãos costumam falar cheios de admiração do seu pescoço de ‘touro’. São todos mais novos que Tânia, a mãe falecera no parto do último. “Agora somos quatro crianças sem mãe”; foi com essas palavras que anunciara o trágico acontecimento à sua professora, sentando-se impassível em seu lugar e escutando sem franzir as pestanas, a estória pela qual a professora procurou explicar e aprofundar para as crianças o fenômeno da morte. Tânia não revelou nenhum sinal externo de participação ou de dor, mas em casa ela contou ao pai toda a estória, palavra por palavra. No enterro ela estava ao lado dele, com o rosto sombrio e sem chorar, mas depois ia fielmente todos os dias tomar conta do túmulo. Sendo a mais velha, assumia agora o domínio sobre os irmãos, defendendo-os violentamente e irrestritamente contra tudo, mas ao mesmo tempo tiranizando-os tão rudemente, que a situação deles na presença da irmã nem sempre é invejável. Refugiam-se perto dela em caso de peri-

go, mas quantas vezes não gostariam de buscar, contra seu temperamento violento, a proteção da mãe como o faziam quando ela ainda vivia.

Tânia sabe o que quer e como conseguiu-lo. Quando entrou na escola, ouviu a voz de uma professora numa classe que não era a sua e declarou: “Esta é a minha professora!” A partir desse momento, ela se rebelou contra sua própria classe e contra a escola em geral, fez cenas em casa e ficou doente com febre alta. Finalmente, consoante recomendação médica, ela foi colocada na classe daquela professora que, pela sua voz, lhe tinha fornecido a justificação de ser sua educadora. A partir desse momento, Tânia tornou-se quieta e aplicada na escola, além de apaixonadamente dedicada à sua professora.

Nem sempre está ‘presente’ durante a aula. Com o queixo avançado, ela olha fixamente em frente, sonhando e ocupada consigo mesma; nem pensa em participar de algo que não a empolga. Gosta de estórias de coragem e audácia. Quando conta a outros tais estórias, ela involuntariamente se torna dramática e, de maneira geral, é uma atriz cheia de temperamento desde que o papel lhe agrade. Porém, opôs-se terminantemente a fazer o papel de um escravo numa pequena representação teatral histórica, embora esse escravo tivesse função de relevo na peça. Muitos colegas invejavam o papel, mas para ela, “melhor morrer que ser escravo”. Preferiu não participar do elenco!

Tânia é madrugadora e gosta de acordar e ficar ativa bem cedo. No verão, veste-se sem fazer barulho e trabalha em seu canteiro ou, enquanto anda com passo firme, medita seus planos e projetos. No inverno, ela vai buscar livros, papel para desenho e lápis de cor e trabalha na cama até a hora de levantar. Trabalha tenaz e concentradamente. Aprender não lhe é fácil, e é penoso ver como aperta a caneta entre os dedos com tanta força que a primeira articulação do dedo indicador forma com a segunda um ângulo reto, fazendo no papel traços da grossura de um fósforo. Ela pinta com vigor algo brutal, mas sem grande sensibilidade formal: suas pinturas são manifestações perfeitas da sua natureza dinâmica. Como cor, ela prefere o vermelho fogueiro, mas quando quer agradar uma pessoa de que gosta, também sabe pintar com as cores mais delicadas. Com ela, tudo depende da vontade. Em relação à sua idade, ela consegue maravilhas de autodomínio, desde que seu discernimento interior lhe diga ser essa a atitude necessária.

Os conceitos morais, com os quais dirige seus irmãos, são simples, quase brutos. Antes de tudo, o ‘mal’ é impiedosamente punido, enquanto o ‘bem’ apenas merece um parco elogio às vezes. Ela própria sempre está presente; cheia de força e vontade ela se considera como alguém cuja existência não se discute. Não é fácil para o pai deslocá-la dessa posição, mormente quando tal medida é exigida por suas travessuras. Não aprecia mostrar arrependimento, mesmo quando reconhece ter agido mal; mas reparar ativamente um mal,

com a face vermelha e com os dentes apertados, é o que convém à sua índole. Quando, durante algum tempo, aguenta muito por parte de seus irmãos e amigos sem perder a brandura, estes são tomados de um pressentimento de horror, pois algum dia, sem aviso prévio, Tânia entrará em erupção, qual um vulcão jogando fogo e pedras para fora. Há o fato curioso de que, tendo ouvido de um viajante uma descrição do Vesúvio, o objeto predileto das suas pinturas e desenhos são vulcões em plena atividade. Como não tem dons extraordinários, o produto será um 'Pão de Açúcar' bastante inofensivo do qual se eleva um jato vermelho enquanto torrões marrons ou azul-escuros voam por um céu bem azul. Contudo, não deixa de ser uma expressão da sua natureza colérica.

Assim como Tânia não precisa de muito sono nem parece facilmente cansada, tampouco come demais nem é difícil de contentar. Seu alimento preferido são frutas, que gosta de catar pessoalmente na árvore. Detesta mingaus e acha delicioso morder um pedaço de pão preto seco. Ela abre nozes com os dentes (embora isso lhe seja proibido). Não despreza doces mas nunca costuma petiscar; até suas intrusões em pomares vizinhos eram menos motivadas por gulodice do que por audácia, ou por uma sensação natural de fome que ela não hesita em satisfazer de qualquer maneira. Tânia tende a ter a face bem vermelha e acessos súbitos e fortes de febre e de doenças inflamatórias, principalmente da garganta. Já tem passado por muitas doenças da infância inclusive a escarlatina e difteria.

São evidentes as vantagens e os perigos do seu temperamento colérico. Tânia não hesita em tomar partido; suas decisões, embora muitas vezes irrefletidas, provêm do fundo da sua personalidade e são inteiramente suas. Seus pais presenciavam estarecidos os ataques de cólera que teve em sua infância, debatendo-se com braços e pernas enquanto seu rosto tomava uma cor azul-avermelhada. À medida que seu intelecto acordou, esses ataques melhoraram, mas ainda pode acontecer que ela fique tomada de uma raiva tão violenta que a ponha completamente fora de si, sem que as pessoas ao redor possam fazer qualquer coisa. No dia seguinte, Tânia, calma e serena, pode ser atingida por uma conversa séria com seu pai. Ela mantém as decisões que toma em tais situações com grande força, até que seu temperamento novamente lhe escape. Mas sua vontade forte faz com que isso possa demorar bastante tempo.

## O TRATAMENTO DO TEMPERAMENTO COLÉRICO

O temperamento colérico requer muita, mas muita paciência e uma compreensão prática e profunda da alma infantil, além de exigir do educador o maior domínio de si próprio. Com efeito, somos facilmente levados a perder nosso contro-

le diante da criança furiosa e a reagir violentamente. Na realidade, porém, o que mais importa é manter mesmo diante do pior furor a serenidade e a calma do espectador e não reagir sob o impacto das próprias emoções. Isso é muito difícil e muitos educadores fracassam perante esse temperamento que – diremos felizmente, ou infelizmente? – é relativamente raro hoje em dia. Não devemos naturalmente confundir temperamento colérico com simples descontrolo nervoso. Na criança, o nervosismo é fraqueza, enquanto o temperamento colérico revela uma força, embora ainda indisciplinada.

Teremos sempre que proporcionar à criança colérica oportunidades para extravasar suas forças, e isso de maneira proveitosa, sem que possa causar prejuízos. Cortar lenha, serrar, pregar pregos, carregar pedras, são ocupações sadias.\* Não devemos recear que a criança se machuque. Não é preciso dizer que não convém aproveitar essa atividade para fins econômicos, pois nessa idade a movimentação dos membros deve ser um fim em si e uma fonte de alegria. O pequeno colérico precisa de bastante espaço para se mover livremente, jogar-se no chão e debater-se à vontade. Em cômodos pequenos, os coléricos são insuportáveis. Convém encarregar a criança colérica de tarefas que ultrapassem suas forças: ela verá que deve fazer um esforço e notará, não sem um pouco de vergonha, que não é o herói ou heroína que julga ser. Conseguiremos uma harmonização semelhante se contarmos estórias de façanhas tais que a criança reconhecerá que essas ela não teria realizado e, talvez, nem tentado. Claro que tais conclusões devem ser tiradas pela própria criança, pois é somente assim que elas têm efeito benéfico: a criança colérica quer chegar a elas pelo próprio discernimento. Já quando pequena ela gritará: "quero sopinha". Quando alguém quiser ajudá-la a comer ou a vestir-se, ela recusará. Sempre recusará a ajuda de outros; moralmente, há de querer agir por impulso próprio.

Se o educador consegue enfrentar com perfeita serenidade os ataques de raiva da criança colérica, o resultado será ainda mais eficiente se, depois de umas 24 horas, quando a criança, após uma noite de sono, ficar calma e intimamente envergonhada, os dois discutem o incidente com toda a tranquilidade, embora com profunda seriedade. Num momento de exaltação, a criança não é acessível a nenhuma palavra séria, a nenhuma motivação racional; mas depois de ter ficado durante algum tempo entregue a si própria e voltado à tranquilidade, ela ficará agradecida por qualquer ajuda moral e serena que alguém lhe der, sem diminuir a sua culpa, mas também sem ironia ou malícia. A pobre criaturinha dominada pelas forças da própria vontade tem muita dificuldade em lutar consigo mesma; ela tem de fazer um esforço desproporcional à sua idade, para dominar os cavaleiros fogosos da alma, que a todo o momento querem romper

\*N.E.: Imaginemos que na época em que Caroline von Heydebrand escreveu este texto, tais atividades eram habituais nas pequenas cidades e vilarejos da Europa. Hoje, em grandes cidades, podemos sugerir outras atividades físicas às crianças coléricas, como arrumar a cama, tirar a mesa, organizar a estante de livros, dar banho no cão, praticar um esporte coletivo (desde que não se estimule demasiadamente sua competitividade) – ou seja, tarefas que exijam concentração e força física.

as rédeas e fugir. O pequeno colérico gostaria de segurar as rédeas em sua mão; mas como sabe que suas forças ainda não dão para essa tarefa, espera, com razão, uma direção ao mesmo tempo enérgica e compreensiva dos adultos.

A criança colérica também se desenvolverá melhor se puder venerar um adulto com todo o ímpeto de sua alma. É por afeição para com ele que melhor aprenderá a conter sua paixão. É verdade que sua alma afetuosa tende a ultrapassar, também no amor e na veneração, os limites do normal. O seu pudor, tão típico em crianças sadias, fará com que procure se reter; não o conseguindo, exprimirá sua veneração violenta da maneira mais curiosa. Era apenas um amor desmedido que levou Tânia a atingir, de emboscada, uma professora particularmente adorada, com duas bolas de neve. Que outra maneira havia para lhe dizer que a amava com todo o fervor? Levar-lhe flores? Isso Tânia teria recusado como uma maneira de agir infantil, sem gosto, em desacordo com seu próprio caráter. Assim como, quando menorzinha, ela mordida sua mão simplesmente por excesso de amor, suas amigadas com as colegas costumavam expressar-se por meio de empurrões e murros enérgicos.

Nenhuma alma infantil aguenta a ironia, mas a da criança colérica menos que qualquer outra. O sarcasmo e a ironia ferem-na profundamente e a colocam numa atitude de oposição permanente. Mas ela ficará agradecida por manifestações de um humor compreensivo e carinhoso, já que sempre aceita com prazer todo impulso que não lhe foi imposto; tais impulsos, ela os assimilará até que se lhe transformem em discernimento moral próprio, fonte de toda a sua atuação futura, tanto a dirigida para si própria como aquela em prol de outros.

### A CRIANÇA FLEUMÁTICA

Joãozinho está escarrapachado em sua carteira e olha apaticamente para frente. Não obstante, não é de todo inativo, embora se desinteresse por completo das explicações do professor sobre os mistérios das tabuadas. Está sonhando com o sanduíche que sua mãe, como não deixou de observar, cobriu de uma boa camada de manteiga e queijo, e com a bela maçã vermelha que lhe pôs na lancheira. João fixa durante um instante o professor com seu olhar sonolento e vê que lhe vira as costas para escrever algo na lousa; ei-lo que abre com seus dedos gordos o papel do sanduíche. O papel faz um pequeno barulho, João hesita um momento e olha durante um instante com fingido interesse para a pedra; o professor vira-se agora para os alunos e João compreende, meio adormecido, que não lhe será possível pegar e comer o pãozinho sem ser notado. Concentra, pois, sua atenção, na maçã que não está embrulhada. Pega-a num canto da lancheira. Mas eis que seu estojo de lápis está chocalhando. O barulho lembra ao professor a presença de João na classe, mas este foge à sua atenção por uma completa ausência mental. Não obstante, o professor lhe dirige a pergunta mais difícil de todas as tabuadas — segundo a opinião de João —

ou seja: quanto é sete vezes oito? Joãozinho levanta-se vagarosamente apoiando seus braços carnudos na carteira. Com seus olhos úmidos em cima de bochechas redondas e vermelhas João fita o professor sem nada entender. Com tudo isso, Joãozinho não é estúpido e sua memória é muito boa. Conseguiu perfeitamente memorizar as tabuadas pequenas, embora depois de bastante tempo, e sabe recitá-las para frente e até para trás. Mas o que não pode é responder perguntas “fora de ordem” feitas de surpresa. Além disso, é-lhe totalmente impossível transformar seus sonhos de maçãs e sanduíches em atividade aguda de raciocinar. Fica devendo a resposta. Mas o professor é paciente e pede a João que recite a tabuada do sete. João começa com alguma hesitação, entra depois no ritmo, embora com voz monótona, a coisa vai sempre mais depressa, e ei-lo que ultrapassa a resposta à pergunta “sete vezes oito”, pois não tem a presença de espírito necessária de parar no momento certo, antes de terminada a tabuada. Só para corretamente em “dez vezes sete”. Nesse ínterim, um colega sanguíneo já gritou a resposta certa. Enquanto o professor repreende o camarada petulante, João se deixa deslizar e fica escarrapachado tranquilamente, sem se mexer. Depois as mãos, como que automaticamente, voltam a apalpar a maçã, o que não requer nenhum esforço mental. Abaixa a grande cabeça até quase deitá-la na mesa e belisca nessa posição o fruto cobiçado. “João!” — o professor o chama, o aluno levanta a cabeça, não muito depressa, sua cara é ainda mais corada do que normalmente. “Não durma!” — resmunga o professor. Dentro em breve, João volta à sua maçã e ao sanduíche e, antes que toque o sino para o recreio, conseguiu sem grande esforço, acabar com ambos sem deixar uma migalha. Calmamente, limpa as mãos úmidas e gordurosas na calça e procura em seu bolso uma moeda para comprar um doce e um pirulito do vendedor que oferece gulodices durante o recreio. Olhando tranquilamente para a confusão das crianças no pátio, ele liquida o doce. Há um momento em que uma turma de meninos chega a derrubá-lo; mas ele cai e se levanta devagar, sem manifestar qualquer sinal de surpresa ou dor. Segura e pirulito que lhe adoçará a próxima aula.

Em casa, João tem uma vida pacata, sob a proteção de uma mãe corpulenta e pacífica que não faz objeção à sua fleuma. Sua educação não teve problema algum. Horas a fio, Joãozinho ficara tranquilo no carrinho, segurando na boca a chupeta, requisito imprescindível para a paz da sua alma, e abandonado ao seu torpor, quando não acompanhava com o olhar os movimentos lentos das suas mãozinhas gordas que durante muito tempo eram seu único ‘brinquedo’. Só a visão da comida conseguia tirá-lo da apatia; a mamadeira provocava um brilho tranquilo em seu rosto bochechudo, e o prato de mingau doce até o fazia agitar as mãos e querer pegar o pratinho desejado. Comer e digerir eram as duas únicas ocupações aceitas prazerosamente pelo recém-nascido. E João não deixava de ‘aproveitar’. Sua mãe era adepta da teoria um

pouco antiquada de que gordura era sinal de saúde e não lhe custava conseguir e manter este estado no filhinho. João não adoece frequentemente e consegue vencer galhardamente as quantidades de comida que a mãe dá ao filho único, transformando-as em respeitáveis camadas de gordura. Para alegria sua e da mamãe, ele digere os sanduíches mais pesados, as sopas de massa, o mingau mais doce, omeletes mais gordurosas, o pudim de chocolate mais grosso. É verdade que aprendeu a andar bastante tarde; quando mudou do carrinho para o quadrado, preferia ficar deitado no tapete e foi a muito custo que aprendeu – e quase lentamente! – a engatinhar, a erguer-se e balançar nas colunas disformes das suas pernas. Aprendeu a andar só quando alguém lhe mostrava como ‘isca’ um prato predileto. Mas atualmente, João não é difícil de contentar: gosta de todos os pratos que lhe dão!

Quando começou a brincar, sua fantasia era bem fraca. Aos dois anos de idade ganhou uma arca de Noé e, ainda hoje, aos oito anos, pode-se vê-lo sentado no chão tirar da arca um animal depois do outro, alinhá-los em ordem perfeita e recolocá-los na arca. Tem um senso de ordem muito pronunciado, quase que pedante. Cada coisa tem seu lugar e nele deve permanecer. Ao se deitar, coloca sua roupa em perfeita ordem e deseja reencontrá-la assim no dia seguinte. Só quer beber na xícara que sempre tem usado, servindo-se sempre da mesma colher (embora tenha preferido beber, até entrar na escola, na mamadeira, deitado no chão).

Uma vez foi um desastre quando a família pernitoou em casa de parentes. Só queria usar o seu peniquinho, recusando o dos outros, embora procurassem convencê-lo da sua beleza. Com energia digna de uma causa melhor, não cedeu um ponto sequer da sua opinião e só depois de horas de gritaria desesperada, quase colérica, o cansaço o venceu. João, protótipo do fleumático, se torna colérico quando certas tradições não são observadas! Nada mais importante que o ritmo! Sem relógio, ele sabe a hora das numerosas refeições e a hora de deitar-se depois do almoço e do jantar. Não é daquelas crianças que se recusam a ir para a cama; ele gosta de se deitar e dorme demorada e profundamente.

João custou para aprender a falar; durante bastante tempo satisfez-se com os sons mais rudimentares para se fazer entender. Fala devagar, com longos intervalos entre as palavras. Mas possui musicalidade; quando se dedica a seus jogos enfa-donhos ou simplesmente fica sentado numa almofada ao sol, com as pernas cruzadas qual uma pequena estatueta representando um deus barrigudo, gozando da vida, meio adormecido, pode-se ouvi-lo cantar sempre a mesma pequena melodia ou simplesmente: lá-lá-lá; às vezes passa o tempo zumbindo como um zangão. Joãozinho gosta de calor, inclusive de calor humano (que sua mãe lhe dá em profusão) desde que não se exija muito dele. Evita esforços anímicos. Gosta de ficar no colo da mamãe sem se mover, mas nunca a abraçaria espontaneamente com seus braços; os beijos que lhe dá são de rotina e fazem parte do cerimonial do ‘bom dia’ e ‘boa noite’.

João sempre foi uma criança digna de crédito. Era possível ter confiança em seus hábitos, até no funcionamento da sua digestão. Ele pratica pontual e criteriosamente o que aprendeu e assimilou. À hora certa, dá de comer aos peixinhos dourados e rega as flores. Já com cinco anos, fazia pequenas compras ao inteiro contento da mãe, trazendo a mercadoria certa e sabendo manusear o dinheiro com facilidade surpreendente. Quando lhe contavam uma estória num número suficiente de vezes – ele sempre quer ouvir as mesmas estórias – logo a sabia de cor e a contava na própria tonalidade do adulto, com os mesmos gestos e palavras, sem se atrapalhar. Conhece uma porção de poesias e canções e nunca canta errado. Gosta de sentar ao piano e tocar uma nota depois da outra, da mesma maneira como fala. Se os adultos tivessem paciência para escutar, reconheceriam que, musicalmente falando, o todo não causa má impressão. Durante muito tempo, João cuidadosamente evitou usar as teclas pretas.

Joãozinho gosta de ficar só e não tem muitos amigos. Ele é maçante demais para os outros, e os outros são muito agitados para ele. Só uma menina, gorda e fleumática como ele, consegue ficar durante horas a fio sentada a seu lado, e suas conversas e brincadeiras lembram a discussão daqueles dois camponeses que passeavam no mato. Depois de terem caminhado durante algumas horas, um murmurou: “Belo dia hoje!” – ao que o outro retrucou, depois de mais de uma hora de passeio: “E quente também!”.

Para grande surpresa de amigos e parentes – a mãe de João não tinha ficado preocupada, pois isso lhe parecia supérfluo – João não se revelou como mau aluno quando entrou na escola aos sete anos. Sem oposição, até com certo prazer, não parava de exercitar seus traços, letras e números, sempre os mesmos, se possível uma página inteira. Tem uma caligrafia nítida e bem formada, embora muito infantil. Para sorte sua, o professor, calmo e compreensivo, nunca o força, pois viu que João consegue tudo desde que lhe deixem bastante tempo para fazê-lo. É um professor do tipo que acha que não se deve avançar muito durante os primeiros anos e que as crianças devem ter muita oportunidade para praticar. E é praticar que João gosta de fazer! Ele pinta com entusiasmo tranquilo, colocando uma pincelada perto de outra. Seus ‘quadros’ consistem em belas e limpas manchas coloridas, sem qualquer conteúdo conceitual. Eles se formam a partir das cores líquidas, com um senso delicado das cores.

João aprende e assimila devagar, mas guarda bem o que assimilou, em particular quando a matéria tem elementos rítmicos e pode ser recitada maquinalmente, como que cantada. Verdade é que não é capaz de reflexões rápidas e respostas demonstrando presença de espírito. Existe, pois, o perigo de ser bastante espinhoso o seu caminho pelas classes superiores onde se exigem mais a intelectualidade e a rapidez do raciocínio do que a memória fiel e a assimilação assídua da matéria. Para isso contribui o fato de que João, ao perceber que não pode acompanhar os outros, se fecha em si

mesmo entregando-se aos processos orgânicos do seu corpo. Há sempre o perigo da atividade mental não conseguir permeiar esses processos de maneira adequada, o que, na pior hipótese, pode conduzir a certo atraso intelectual.

## OS FUNDAMENTOS DO TEMPERAMENTO FLEUMÁTICO

Assim como o sanguíneo vibra facilmente com o ritmo da respiração, o melancólico sofre do peso da terra, o colérico é aquecido e apertado pelo calor do seu sangue, assim o pequeno fleumático é como que inundado pelos humores que lhe nutrem e animam o organismo. Ele se abandona inteiramente a esse elemento líquido. O processo digestivo lhe proporciona um bem-estar meio inconsciente. Lembra a vaca deitada no pasto, a qual ruma calmamente e vive para os processos do metabolismo e da formação do leite. São na realidade ocorrências grandiosas que formam e estruturam o ser humano a partir do elemento aquoso. Se o pequeno fleumático pudesse ficar consciente daquilo que vivencia enquanto digere o seu desjejum, e experimentar a grandiosidade desse processo, teria a visão de sublimes forças cósmicas. De todos os seres humanos, a criança fleumática é, em seus sonhos, o que mais se aproxima da natureza. Tudo o que se fundamenta nas funções vegetativas do seu corpo, funciona sadiamente. Daí sua boa memória, sua capacidade de aprender tudo o que pode ser aprendido por exercícios repetidos e seus dons musicais e pictóricos que não decorrem da vontade consciente da sua personalidade, mas constituem antes a continuação e a exteriorização das suas forças criadoras físicas.

## O TRATAMENTO DO TEMPERAMENTO FLEUMÁTICO

Encontramos frequentemente preconceitos contra o temperamento fleumático. Os pais ficam até ofendidos quando médicos ou professores lhes revelam que seu filho é fleumático. Mas isso não passa de um preconceito! Como nas demais predisposições temperamentais, trata-se apenas de uma unilateralidade que encerra certos perigos e, por isso, deve ser compensada. A criança melancólica muitas vezes é tida e apreciada por criança-prodígio, mas na verdade sua tendência para depressões, seu egoísmo e sua inibição são pelo menos tão objetáveis quanto a inércia, a sonolência e a gula da criança fleumática.

Por outro lado, o temperamento fleumático convenientemente compensado pode constituir a base das mais belas qualidades humanas. Com efeito, homens que têm superado as unilateralidades da sua fleuma ou nos quais elas foram amenizadas por uma educação razoável, são particularmente fiéis, persistentes, honestos, ordeiros, conscienciosos e aptos a enfrentar, pela sua isenção de ânimo, as tempestades da vida.

O que é indispensável com crianças desse temperamento é educá-las fisicamente de maneira criteriosa e reduzir-lhes o deleite do bem estar corporal a limites razoáveis. Assim, não é conveniente permitir que essas crianças satisfaçam

sua vontade de dormir de uma maneira desenfreada. Com efeito, pode haver crianças que durmam demais. Em certos casos, pode ser mais certo não deixar a criança fleumática ir para a cama cedo; não deixá-la dormir depois do almoço, ou reduzir a duração da sesta, e acordá-la cedo de manhã, em vez de esperar que desperte espontaneamente. Não se lhe deveria permitir ficar meio sonolenta na cama quente, nem espreguiçar-se antes de levantar. Faremos bem se não a cobrirmos muito nem a vestirmos demasiado. Um banho frio de manhã lhe será benéfico, ao passo que deve ser evitado numa criança melancólica. A criança fleumática aguenta facilmente pequenos choques, meio pedagógico que se deveria normalmente evitar por completo. Vamos acordá-la bem cedo, lavar-lhe a cabeça com água fria e não lhe permitir passar um tempão tomando café, enchendo o estômago já antes das aulas com chocolate, mingau, pãezinhos ou mesmo ovos. Senão, preferirá digerir confortavelmente em vez de aprender, e não ficará propensa a deixar uma atividade mental interromper este seu prazer. Antes de ir para a escola, tal criança deveria comer pouco e apenas alimentos leves. Certamente não morrerá de fome. Frutas, verduras e saladas deveriam substituir os mingaus e as massas, o pão de centeio deveria tomar o lugar dos doces e do pão branco. Convém temperar bastante a comida e evitar doces e balas que essas crianças guardam na boca para se deleitarem. Por meio de uma alimentação racional, devemos fazer tudo para impedir que a criança fleumática siga seu desejo de acumular gordura. Mantendo-a relativamente magra, já teremos feito muito para seu desenvolvimento espiritual e psíquico.

Não convém deixar o pequeno fleumático brincar sempre sozinho. Os adultos deveriam de vez em quando brincar com ele, animando-o, acelerando o ritmo dos seus jogos e proporcionando-lhe impressões do mundo ambiente suscetíveis de despertar e vivificar sua vida psíquica. Quando se observa que a criança cochila durante seus jogos ou quando faz sua lição de casa, não há mal algum em interpelá-la em voz alta ou acordá-la com um barulho meio forte. Isso a fará voltar a si. Em tais momentos de pequenos sustos, o pequeno fleumático é particularmente capaz de captar ou conscientemente assimilar algo. Todos sabem que durante muito tempo e com a maior paciência se pode procurar explicar algo a tal criança sonolenta. Ela olha para nós sem nos ver, ouve sem escutar, cabeceia sem entender e quando lhe fazemos uma pergunta, cai das nuvens. Acabamos perdendo a paciência tão penosamente mantida e, gritando, damos um murro na mesa. Subitamente os olhos começam a ter brilho, surge a resposta certa, a criança está a par e entendeu tudo perfeitamente. É claro que isso não deve ser interpretado como um apelo ao descontrole do educador; queremos apenas ressaltar que a criança fleumática pode ser de vez em quando acordada e que esse truque não a prejudica, quando teria consequências desastrosas em crianças melancólicas, sanguíneas e também coléricas. Não existem receitas peda-

gógicas para todas as situações. É preciso ver cada caso por si e proceder de acordo com o temperamento, enquanto a criança, ainda incapaz de dirigir a si própria mediante o seu eu, segue justamente suas predisposições temperamentais.

A tal ser impassível e fleumático, o educador não demonstrará seu amor e sua simpatia de um modo inoportuno, pois seriam aceitos como a coisa mais natural do mundo. Porém, se usarmos nossa impassibilidade aparente, tanto maior deverá ser a nossa simpatia íntima para com a criança fleumática. A fleuma artificial dos adultos terá como efeito a criança se sentir impulsionada para sair da sua inércia. Isto se dará mais facilmente se ela gostar do adulto. Com efeito, é sumamente importante que a criança fleumática aprenda a amar, pois é o amor que mais seguramente a fará sair do seu organismo para entrar numa atividade anímica. Uma forte simpatia pode despertar o seu espírito, tornando-o capaz de atravessar a gordura, de pegar e plasmar as emoções moluscoídes da criança e de lhe dar uma estrutura e uma 'espinha dorsal'. A criança fleumática que despertou para o calor anímico saberá amar de uma maneira harmoniosa, com fidelidade e dedicação, e não irrefletidamente como o faz o sanguíneo, exagerada e morbidamente à maneira do melancólico, ou agressivamente como ama o colérico. Nesse caso, o pequeno fleumático abrir-se-á aos interesses do adulto amado. Quanto não se ganha com isso? Com efeito, o difícil era aprender a ouvir a chamada do ambiente, deixar os próprios processos metabólicos e entrar no mundo exterior. Isso ocorre de modo apropriado à idade infantil, desde que o motivo seja a afeição pelo educador. O horizonte pode ser paulatinamente alargado, as qualidades mais conscientes da alma podem começar a atuar, e a inércia e impassibilidade podem transformar-se em observação serena e assimilação tranquila e profunda do mundo ambiente, o que abre perspectivas muito animadoras para a vida futura.

Em crianças fleumáticas que apresentam na infância dons artísticos inconscientes produzidos pelo organismo, acontece facilmente de tais dons desaparecerem quando a consciência desperta ao diminuírem as forças orgânicas criadoras. É um obstáculo que as crianças superam, desde que se faça um esforço contínuo para tornar sua criatividade mais consciente, não lhes permitindo apenas desfrutar, como em sonho, de rabiscos coloridos ou da produção de sons a esmo, mas sim exigindo que cumpram pequenas tarefas adequadas para despertar a consciência, obrigando-as a refletir e a produzir mais conscientemente. Se conseguirmos tornar suas aptidões artísticas pouco a pouco mais conscientes, elas serão salvas para toda a vida futura, constituindo uma fonte de interesse.

O alfa e o ômega da educação e da autoeducação — e isso não somente em crianças mas também em adultos fleumáticos — é despertar interesses, cultivando-os e estendendo-os aos mais diversos campos. Só se justifica uma reserva maior de fleuma nas numerosas ocasiões em que, na vida atual, há razões de sobra para manter a calma.

## ELEMENTOS ADICIONAIS PARA UM CONHECIMENTO MAIS PROFUNDO DOS TEMPERAMENTOS

O ser humano é infinitamente complexo. O passado e o futuro se encontram em sua existência presente. A corrente do passado manifesta-se em tudo o que, no ser humano, é forma e estrutura, e constitui os dados da sua natureza. A corrente do futuro atua por antecipação em tudo o que está evoluindo, que se transforma e que, por enquanto, ainda está escondido como um germe, fugindo ao próprio olhar e à observação.

O temperamento é um dado, é oferecido. É a forma assumida pela vida anímica na base da existência corporal. Se o corpo do fleumático parece redondo e sem estruturação, sua vida anímica é igualmente informe. A fronte baixa do colérico é larga e dura; da mesma forma, sua vontade é decidida e orientada para seus fins. A fronte alta e pálida do melancólico, seu corpo esbelto e levemente inclinado para frente, seu passo arrastado, tudo isso revela o 'peso' da sua vida interior, enquanto a figura graciosa e harmoniosa e o andar alado do sanguíneo vão de par com sua índole alegre, que não se fixa em nenhum lugar. Toda educação compreensiva pressupõe que se saiba discernir qual é a atitude anímica que está predominando no indivíduo e que foi o mesmo que se colocou desde sua existência pré-natal, em certa corrente hereditária e em condições suscetíveis de lhe proporcionar experiências apropriadas. O que importa é essa compreensão. Só que a vida nem sempre nos facilita a tarefa de enquadrar cada criança num dos quatro temperamentos, encaixando-a num tipo definido. Nem é essa a finalidade das nossas considerações sobre os temperamentos. Elas devem apenas estimular o educador a se concentrar sempre de novo nas crianças a ele confiadas, a almejar o entendimento das forças que plasmaram esta ou aquela criança. O pedagogo sempre deve como que dar a volta em torno do pequeno ser humano, olhá-lo de todos os lados e nunca se cansar de lhes estudar as leis evolutivas.

Gostaríamos de recomendar a todos os que cuidam de jovens, que antes de adormecer coloquem diante da própria mente a imagem do ser a eles confiados, inclusive a sua maneira de andar, de mover-se, levantar as mãos, dar risadas, chorar etc. Convém se aprofundar nessa imagem, sem dissociá-la ou roer-se de preocupações pelas suas manifestações, mas simplesmente contemplá-la aceitando-a tal como é — e não como se queria que fosse. Se assim for, a própria imagem da criança acabará dizendo à alma do educador que feição ela está propensa a assumir. O gênio da criança, seu eu superior, revelará — primeiro, muito de leve, e em seguida com maior nitidez — como deseja ser formado e educado para que possam desabrochar os germes nele contidos e se realizar o que de melhor está em seu próprio cerne (e não quaisquer especulações do educador). Os resultados de tal meditação se manifestarão de modo maravilhoso no próprio discípulo, desde que tal meditação seja efetivamente realizada e sempre repetida. Mesmo as crianças mais problemáti-

cas transformam-se sob a influência de tal atividade anímica oculta dos seus educadores. Se o seu verdadeiro ser estiver, dessa forma, presente e vivo na alma dos seus educadores, a criança não deixará de receber uma influência terapêutica.

Haverá um efeito igualmente terapêutico quando duas ou várias pessoas, que cuidam de uma ou várias crianças, se reúnem de vez em quando para procurar um entendimento baseado em tal conhecimento. Talvez seja só assim que possa surgir a imagem completa da criança, a qual, pelo seu destino, pode ter relações diversas para com o pai ou a mãe e os demais educadores. O que a um se esconde, revela-se a outro. Quanto mais consciente e colorida a imagem da criança, maior o efeito retroativo sobre ela. A experiência sempre tem demonstrado o seguinte (muitas vezes de maneira surpreendente): se uma criança, em dado momento, se revelou muito problemática em qualquer classe, ficando impermeável a qualquer influência pedagógica; se todos os professores diretamente ligados a ela se reuniram; se também os outros professores apoiaram esses esforços para se conseguir um quadro completo da criança; se esse colóquio amplo e penetrante conseguiu fazer surgir uma visão autêntica da personalidade do aluno; pode-se então prever com quase toda a certeza que ela apresentará dentro de poucos dias sinais de melhora. O próprio fato de tal discussão em comum revela-se terapêutico. Se a isso vierem se juntar as medidas pedagógicas consideradas necessárias de acordo com o caso, os resultados mais positivos podem aparecer. Contudo, um afrouxamento do interesse íntimo e da preocupação põem em perigo tudo o que foi conseguido. Esse interesse, porém, não pode ser intelectual e analítico; deve ser impregnado daquele espírito de devoção que, muitas vezes, reina na criação de obras de arte.

A procura de tal compreensão mais profunda da natureza infantil conduz a um discernimento da complexidade das predisposições temperamentais. É raro ver-se um temperamento tão bem definido como nas quatro crianças acima descritas. Na maioria dos casos observamos uma mistura de temperamentos. Além disso, o verdadeiro temperamento das crianças é o sanguíneo e este costuma transparecer sobre os outros, ou tingi-los. Mesmo a criança melancólica pode brincar de vez em quando, embora raramente, ingenuamente, como um pequeno sanguíneo. Mas são numerosas as crianças sanguíneo-coléricas ou sanguíneo-fleumáticas.

Esta última mistura de temperamentos é particularmente frequente, as características do tipo sanguíneo podem superar a fleuma, mas o contrário também pode ocorrer. A combinação do temperamento sanguíneo com outros, na criança alivia, de certa forma, os demais temperamentos e torna seu tratamento mais acessível e mais simples. Quando, porém, uma predisposição melancólica se combina com tendências coléricas e fleumáticas, as qualidades resultantes são extremamente difíceis e fazem sofrer tanto as crianças como os educadores.

Um dos alunos da escola mostrou-se melancólico-fleumático nas aulas. Ficou sentado em sua carteira sombrio e indiferente, sem qualquer interesse ou vontade de participar

do ensino. Sua professora estava quase se desesperando até que, um dia, a classe deu um passeio na floresta. O aluno ficou irreconhecível. Irrompeu nele uma espécie de cólera sombria. Agrediu seus colegas com um furor delirante, subiu nos mais altos pinheiros como um macaco, balançando-se no cume com gritos alucinantes e mostrando para com os objetos da natureza senão uma observação interessada, pelo menos a afinidade de um pequeno animal selvagem. Não obstante, era um alívio descobrir no pequeno oriental, tão inerte e ausente, uma nova vitalidade; foi aí, aliás, que a educação subsequente pôde ter um ponto de partida.

São justamente as crianças fleumáticas que facilmente enganam até os entendidos na matéria. Parecem fleumáticas porque a aula ou outros ensinamentos não lhes suscitam nenhum interesse interior. Não são realmente atingidas. Mas se ocorre algo com o qual podem estabelecer uma relação íntima, um jogo, uma apresentação teatral com um papel que lhes convém, ei-los transformados em seres alegres e vivos que sabem o que querem e estão perfeitamente aptos a realizá-lo. Esses curiosos fleumáticos aparentes são coléricos latentes. Sua vontade fica abafada e impassível, enquanto não pode fixar suas próprias metas, parecendo ser inexistentes. Mas quando descobre espontaneamente alvos dignos de serem almeçados, ela começa a funcionar qual um vulcão que após longa inatividade entra em erupção. Também há crianças melancólicas que sofrem em silêncio, aguentando toda espécie de vexames e brincadeiras por parte dos seus colegas, enquanto vão se tornando cada vez mais taciturnas e melancólicas — até que um dia se produza uma terrível erupção que revela uma cólera inesperada.

Por outro lado, um sanguíneo alegre e superficial pode subitamente tornar-se calmo, desinteressado e até melancólico. Dificilmente acharemos para essa mudança uma causa inerente à sua predisposição, mas antes um motivo formado por dificuldades exteriores que surgiram em sua vida, ou seja, discórdia entre os pais ou até uma separação — situações sempre suscetíveis de transformar toda espontaneidade infantil em amargo pesadume — ou ainda qualquer doença em vias de manifestar-se na criança. Se conseguirmos tirar tal criança, supostamente melancólica, do seu ambiente familiar dominado por discussões ou preocupações dos pais, ela desabrochará em pouquíssimo tempo, transformando-se no sanguíneo mais alegre. O mesmo se dá quando a criança aparentemente melancólica recupera sua saúde, por exemplo, mediante uma época de convalescença no campo.

Não devemos, pois, restringir-nos ao quadro exterior que a criança nos oferece; devemos nos aprofundar até chegar ao seu ser verdadeiro, sua vida orgânica e anímica escondida, insensível às condições exteriores em que ela deve viver. Todavia, esse aprofundamento não deve ser uma análise, mas sim como que uma reprodução da alma infantil dentro da nossa própria alma, isto é, lá onde o educador faz reviver a imagem da criança e onde o homem sabe existir uma ligação com forças divinas.